

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E  
SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

LORENA LIMA CRISTINIANO

## **LONGINOS**

**Um documentário sobre transformações de vida  
através de experiências de fé**

Produto: vídeo-documentário

Mariana  
2018

LORENA LIMA CRISTINIANO

## **LONGINOS**

### **Um documentário sobre transformações de vida através de experiências de fé**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros Rocha

Mariana  
2018

C933d Cristiniano, Lorena Lima  
Longinos [filme cinematográfico] : um documentário  
sobre transformações de vida através de experiências  
de fé / Lorena Lima Cristiniano.-Mariana, MG, 2018.  
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.+ 1 DVD-ROM (4 3/4 pol., 15' 39" color.).

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal  
de Ouro Preto, Mariana, 2018

1. Fé - Teses. 2. MEM. 3. Documentário (Cinema) -  
Teses. 4. Monografia. 5. Espiritualidade - Teses.  
6. Cristianismo - Teses. I.Rocha, Adriano Medeiros  
da. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto  
de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências  
Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 791.229.2  
: 15  
: 1421854

Lorena Lima Cristiniano

Curso de Jornalismo – UFOP

LONGINOS


Um documentário sobre as transformações de vida através de experiências de fé

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

  
Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado

  
Prof. Esp. Anderson Medeiros da Rocha

Mariana, 19 de dezembro de 2018.

A Deus que faz a vida pulsar em mim cada dia mais.  
À minha mãe que desistiu de muitos sonhos para que eu vivesse os meus.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, queria ter palavras para agradecer aqui, mas por hora só tenho lágrimas de gratidão e sei que o Senhor sabe lê-las. Agradeço à minha patrocinadora oficial, a Virgem Maria. Ao meu primeiro amor infinito, minha mãe, obrigada por todo apoio, amor e ensinamentos. À minha irmã por não me deixar desistir e meu irmão toda ajuda ao longo desses anos. Ao meu sobrinho, Vitor Hugo, que me inspira a criar boas histórias para contar. Aos meus padrinhos Sanja, Di e Binho por terem investido tanto em mim. Às minhas tias por todo carinho. À minha amiga Gabi, que foi um presente e uma ajuda celeste durante esses anos. Às minhas Abestadas e aos amigos do vocacional, não teria sido tão divertido sem vocês. Aos amigos feitos ao longo desse trabalho, da Comunidade Canção Nova, dos Jovens Sarados e da Colo de Deus. Especialmente os que me contaram suas histórias e me presentearam com sua música. A todos amigos que me ajudaram neste trabalho: Gabi, Emmanuel, Nívea, Gessyka, Gregs, Gustavo, Day e meus primos Juninho, Alessandra e Plínio. Ao meu orientador, por todo conhecimento passado, compreensão e por acreditar neste projeto. Aos amigos da faculdade, de Ouro Branco e do ônibus. Aos professores do curso de jornalismo e todos funcionários do ICSA, especialmente Osmira, Anderson e Chumbinho. Não teria sido possível sem vocês, sem cada um de vocês.

“Não posso mais. Tudo o que escrevi me parece palha perto do que vi”

*São Tomás de Aquino*

## RESUMO

A fé humana permeia a existência e a busca de sentido da mesma. O objetivo deste trabalho é relatar o processo prático e teórico do documentário “Longinos”, construído a partir de filmagens feitas em retiros espirituais da Igreja Católica Apostólica Romana no período de julho de 2016 a junho de 2018. Pretende-se refletir sobre os aspectos que envolvem a busca espiritual e a prática religiosa, bem como a criação de documentários como representação do real.

**Palavras-chave:** Fé; documentário; espiritualidade; religião; Cristianismo.

## ABSTRACT

Human faith permeates existence and the search for meaning of it. The objective of this work is to report the practical and theoretical process of the documentary "Longinus" constructed from filming made in spiritual retreats of the Roman Catholic Church from July 2016 to June 2018. It is intended to reflect on the aspects that involve spiritual pursuit and religious practice, as well as the creation of documentaries as a representation of the real.

**Keywords:** Faith; documentary; spirituality; religion; Christianity.



**ANEXO**

ANEXO I- Roteiro de edição ..... 30

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b>	9
<b>2 Espiritualidade Religião e o Homem</b>	10
2.1 O ser humano a caminho de si mesmo	10
2.2 Religião	11
2.3 Fé e o Homem	13
<b>3 Documentário</b>	15
3.1 Reflexões sobre os tipos de documentários e sua produção	15
3.2 Religião no cinema e aspectos técnicos	18
<b>4 Diário de Bordo</b>	20
4.1 Por que documentário e por que um documentário sobre fé?	20
4.2 Filmagem	20
4.3 Edição e montagem	24
4.4 Escolha do nome e decisões finais	25
<b>5 Considerações Finais</b>	27
<b>6 Referências</b>	28

## 1. INTRODUÇÃO

A palavra fé aparece no Antigo Testamento da Bíblia até 4 vezes dependendo da tradução. Enquanto no Novo Testamento ela surge mais de 240 vezes. Não por acaso, ela é um dos principais tópicos dos discursos de Jesus. Em todas as narrações em que um milagre acontecia, o Filho de Deus dizia algo semelhante a “a sua fé te salvou”. Além disso, a fé é uma das três virtudes teológicas do Catolicismo. Ou seja, a garantia da ação de Deus na vida do Homem, assim como afirma Paulo em sua carta aos Coríntios “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor”<sup>1</sup>.

Este tema surgiu frente a uma inquietação particular sobre o discurso negativo que repercute dentro da academia sobre as práticas religiosas cristãs. Ainda que este campus universitário esteja situado na arquidiocese mais antiga de Minas Gerais e na qual o Catolicismo é parte da cultura e tradição, foram poucos as obras que deram visibilidade aos aspectos positivos da prática religiosa.

O objetivo deste trabalho é documentar relatos de pessoas comuns que tiveram suas perspectivas de vida transformadas por experiências de fé. Partindo deste ponto, refletir sobre os aspectos da religião e espiritualidade a partir dos pensamentos de estudiosos sobre o tema. Adiante revisar conceitos de documentário e analisar o filme de Eduardo Coutinho, Santo Forte (1999), e os aspectos de semelhança processual, estética e técnica com este filme. Por fim, apresentar o percurso de produção desta obra desde a concepção da ideia até os últimos procedimentos de edição.

---

<sup>1</sup> A Bíblia. (I Coríntios 13,13)

## 2. HOMEM, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

### 2.1 O ser humano a caminho de si mesmo

Logo ao nascer, o ser humano é lançado na tarefa da descoberta de quem ele é no meio onde está inserido. Estar vivo não é apenas uma condição comum entre nós, mas o pressuposto de que o indivíduo tem capacidade de decidir, questionar, modificar e compreender tudo ao seu redor. Estas características nos diferem dos outros seres vivos, pois nos confere algo que torna cada um único, a consciência. Logo que tais capacidades são compreendidas, surgem as dúvidas sobre o sentido. Marcelo Gleiser (2006) diz que o desejo de conhecer a origem de tudo é parte do ser humano e transpõe tempo e espaço geográfico.

Em todo ser humano existe uma inquietação quanto à existência, pois estar vivo faz necessário o conhecimento do por quê existir. Este “porquê” é a base na qual todas as incertezas da vida se mantêm. Dessa forma, o Homem pode ser considerado um ser espiritual, pois vive em busca de sentido, religioso ou não.

Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. (MAHFOUD; COELHO, 2001, p. 2)

Para Viktor Frankl (1990) a constante busca de sentido está associada à compreensão de que tudo na vida tem um sentido, ainda que este esteja oculto. De acordo com o mesmo, a perda desse sentido pode levar ao desespero.

De acordo com Mario Aletti (2004) questões relacionadas à origem da vida e seus significados são universais, visto que em algum momento de sua existência todo ser racional já se questionou acerca das mesmas dúvidas. O Homem traz consigo essas questões e a cultura do meio no qual está inserido se encarrega de responder parte dessas dúvidas. Porém,

aceitar tais justificativas é escolha do indivíduo. Esta escolha terá forte influência das suas experiências de vida. Desta forma, uma mesma pergunta pode ter várias respostas.

## 2.2 Religião

Sob um olhar social a religião é um conjunto de crenças e ritos compartilhados por um determinado grupo. Quando vivida sem a experiência e apenas como algo mecânico ela perde seu valor, corrompendo-se e se tornando apenas uma ideologia sem a busca de algo superior.

Desta maneira, a fé torna-se corrompida, tomando a forma de ideologia (...) Os objetos religiosos são reduzido a talismãs, e a criatividade, imaginação e habilidade para brincar se deterioram em atos estereotipados e repetitivos. Os símbolos religiosos degeneram-se em realismo e fundamentalismo literal aplicado aos textos sagrados (ALETTI, 2005, p.08).

Para São Tomás de Aquino (1485), a religião é uma virtude que capacita de bondade o agente e a ação. Ela faz da obra e do serviço prestado algo prazeroso, e aquele que a executa alguém capaz de explicar o que é a própria religião. Aquino afirma em sua obra *Suma Teológica* que a religião está ligada à realização do propósito para o qual o indivíduo foi criado e fazê-lo com excelência (do grego ἀρετή *aretê*,ês, quer dizer adaptação perfeita, excelência, virtude).

Da mesma forma, Giussani (1998) indica a proporção do sentido humano e do religioso. Este surge mediante questões sobre o sentido da vida e se conecta ao espiritual humano. Ele considera o senso religioso um impulso para que o indivíduo se comprometa com sua própria vida.

A condição para poder surpreender em nós a existência e a natureza de um fator sustentador e decisivo como o senso religioso é o empenho com a vida inteira, na qual tudo está compreendido: amor, estudo, política, dinheiro, até a alimentação e o repouso, sem esquecer nada – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência. De fato, dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino. (GIUSSANI, 1998, p. 59)

Para São Tomás de Aquino (1485) a religião está ligada à justiça, que diz respeito a tudo que é correto e direito nas ações humanas. Ela pode ser uma virtude de veneração ou social. No primeiro caso, trata-se da postura adotada frente aos seus superiores: pais, Deus e autoridades. No segundo, há uma situação do tipo moral ligado à integridade de caráter como gratidão, honestidade e cordialidade, por exemplo.

Quanto às virtudes de veneração deve-se considerar que, ao se colocar em situação de inferioridade, seja ela de paternidade ou com relação à uma divindade, cabe à pessoa adotar a condição de obediência e respeito a tais autoridades. Logo, para Aquino, a ética e os valores são consideradas a própria vida, sendo que o não cumprimento de tais pressupostos vai contra os princípios do ser humano.

Viktor Frankl afirma que a religião é uma ferramenta na busca pela razão de viver em meio a todas as dificuldades e pesares da existência. “A religião é a consciência que o homem tem da existência de uma dimensão sobre-humana e sua fé básica no sentido último que reside nessa dimensão” (p. 199)

Para Campbell (2002), a religião é importante socialmente, pois representa uma ordem estável do universo capaz de explicar os acontecimentos, defende a moral, serve como guia para a pessoa ao longo da vida nos momentos de crise existencial e ameniza o incômodo causado pelas condições da existência como a morte, por exemplo. Campbell categoriza o Cristianismo como um tipo de religião na qual o divino ou sagrado está fora do alcance do homem. Ideia oposta às religiões orientais nas quais o divino está em cada um e se prova mais presente através da evolução pessoal na qual o praticante vai adquirindo características que fazem deste alguém melhor.

Segundo o autor, no Cristianismo só é possível estar em contato com o sagrado a partir do momento que a pessoa estiver inserida em um meio religioso. “Como nós conseguimos, entretanto, a necessária relação com Jesus? Através do batismo e, com isto, nos tornando membros da sua Igreja” (CAMPBELL, 2002, p. 25).

Frankl (2007) acredita que a experiência religiosa é tão importante para o crescimento pessoal do Homem que o “não religioso” é como alguém que não conseguiu dar os últimos passos a caminho do sentido da vida. “Caminhando rumo ao sentido, o homem irreligioso parou antes do tempo, pois não foi capaz de perguntar para além de sua consciência” (Frankl,

2007). Esse questionamento, além da própria consciência, nada mais é do que o “divino inalcançável” dos cristãos.

De acordo com Rudolf Otto (1992) o sagrado é o outro e é totalmente misterioso já que não pode ser compreendido pela inteligência humana. Sendo assim, o que se conhece do Sagrado não é o conhecimento em si, pois não o podemos compreender, mas o resultado das experiências pessoais diante de suas manifestações. Otto se baseia na sua própria vivência cristã. Segundo ele na experiência religiosa a pessoa se percebe totalmente dependente do divino. Esta relação é constantemente cercada pelo fascínio e no temor que o sagrado exerce no Humano.

### **2.3 Fé e o Homem**

Segundo Marília Ancona-Lopez (2005), a espiritualidade “reflete-se em um sentimento oceânico, não tem limites, contornos, causas, lógica. Abre um vórtice infinito de possibilidades e de interpretações”. (p. 156), Assim, a espiritualidade não está ligada a uma crença em específico, mas pode se encontrar em uma religião e dialogar com o credo de várias outras pessoas.

Frankl (2007) analisa a possibilidade de a espiritualidade se manifestar no inconsciente da mente humana "a pessoa profunda, ou seja, o espiritual-existencial em sua dimensão profunda é sempre inconsciente” (pág. 25). Ele afirma que a dimensão espiritual não é facultativa, mas totalmente inconsciente. Sua característica mais forte é a “autotranscendência”, que é um impulso que leva o Homem até o outro. O espiritual só se manifesta através de uma ação destinada a outro alguém. "A pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma ela poderia aparecer na sua reflexão" (Frankl, 2007, p. 26).

Para José Paulo Giovanetti (2005), a espiritualidade representa um profundo mergulho em si, uma experiência subjetiva na tentativa de experimentar a realidade como um todo, na qual faz parte. Portanto, a espiritualidade pode ser definida pela busca constante de sentido diante do mistério. Porém, nem sempre essa busca é reconhecida. Frankl aponta para a presença de conteúdos religiosos reprimidos conscientemente. Da mesma forma, a

convivência com o Tu, de uma relação com o transcendente está presente no que Frankl chama de “Fé inconsciente”

Pois assim como se necessita de um pouco de coragem (Mut) para declarar-se partidário daquilo que se reconheceu, é preciso ter um pouco de humildade (Demut) para designá-lo com aquela palavra que os homens vem usando há milênios: a simples palavra "Deus." (Frankl, 2007, p. 53)

O autor adverte que o reconhecimento de uma presença divina por detrás de uma consciência moral não significa que Deus esteja preenchendo o inconsciente ou que esta relação force a pessoa a ter um contato com um ser superior. "A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas antes de decisão." (Frankl, 2007, p. 61).



### 3. DOCUMENTÁRIO

#### 3.1 Reflexões sobre os tipos de documentários e sua produção

Produzir um documentário vai além de apresentar um objeto. É um encontro de subjetividade no qual o ator social e o cineasta estão dispostos a dialogar para além daquilo que se mostra diante das câmeras. São necessárias confiança e mútua entrega de diretor e personagem, antes mesmo de ligar a câmera. O processo de filmagem é antes de tudo uma experimentação daquela realidade. Sem esta disposição tornaria inviável fazer um filme deste tipo. Já que desde o início, o intuito era retratar o real de forma objetiva, sem ensaio e com o mínimo de intervenção.

De acordo com Bill Nichols (2013), este tipo de filme no qual a realidade é evidenciada pode ser chamado de documentário de representação social. Nele se expressa de forma sucinta a realidade social de acordo com a visão do cineasta. Além disso, possibilita novas discussões e pontos de vista acerca do mundo. Sua interpretação depende da organização do filme e a crença nele é questão de como o espectador reage diante dos valores apresentados.

A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros. A ficção talvez se contente em suspender a incredulidade (aceitar o mundo do filme como plausível), mas a não ficção com frequência quer instilar crença. É isso o que alinha o documentário com a tradição retórica, na qual eloquência tem um propósito estético e social. Do documentário não tiramos apenas prazer, mas uma direção também. (Nichols, 2013, p. 27)

Partindo deste princípio, Nichols discute a importância de conteúdos audiovisuais como representações dos indivíduos e suas realidades. O documentário possui voz própria

porque as imagens também transmitem informação. Segundo Nichols, “os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder de sua voz” (2013, p. 73).

A voz de um documentário é guiada pelo tipo de filme que se faz. Nichols (2013) explica possíveis interpretações do real, mas estas serviram apenas de direção e não limitaram o processo criativo a uma única tipagem. *Longinos* pode ser considerado um documentário participativo, pois, assim como o autor esclarece, apresenta um mundo histórico a partir da perspectiva de um sujeito que é participante ativo daquele contexto. Nesta tipologia coloca-se em foco a questão ética. Quais as responsabilidades do cineasta sobre a representação do sujeito? Qual a relação entre cineasta e ator social? O documentário de cunho participativo ressalta o encontro real bem como a presença do cineasta em cena.

“Os documentaristas também vão a campo; também vivem entre os outros e falam de sua experiência ou representam o que experimentaram. No entanto, a prática da observação participativa não se tornou um paradigma. Os métodos e as práticas da pesquisa em ciência social permaneceram subordinados à predominante prática retórica de comover e persuadir o público” (NICHOLS, 2013, p. 153)

O documentário participativo é aberto à reflexão e aceitação do que acontece durante o filme. A experiência pessoal do cineasta e sua voz em primeira pessoa despertam o interesse do público. Entretanto, é possível apresentar um panorama mais amplo, sem voz over, através de entrevistas. Com este recurso que é o verdadeiro encontro social, é possível unir fragmentos de diferentes relatos em apenas um filme, no qual a voz do cineasta ecoa da forma como os fatos são tecidos através das vozes dos atores sociais.

Dentre os aspectos negativos desse estilo destacam-se sobretudo a falta de argumentos que se opõe dentro da narrativa, a excessiva confiança na fala do entrevistado, os limites tênues entre persuasão e privacidade da fonte. Quanto à primeira objeção Nichols discute o papel do documentário como representação de um mundo histórico através das lentes de uma câmera que oferece suporte para a crença de que tudo mostrado é verídico.

Os documentários podem representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente: colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas. Nesse sentido, os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não poderiam; os

documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões (NICHOLS, 2005, p.30)

As questões éticas neste caso estão presentes não apenas na representação do outro e do tema tratado, mas também na voz do cineasta por detrás da obra. De acordo com Nichols, as questões estilísticas do filme dão a entender que há uma voz que fala com o público. O conceito *Eu falo - ou nós falamos - de nós para você*, também conhecido como “autoetnografia” coloca o cineasta em cena como parte do grupo que deseja mostrar sua cultura, sua história. Este posicionamento estabelece intimidade e confere à obra um tom emocional (Nichols, 2013).

Este estilo mais afetivo também enquadra Longinos no tipo performático. Conforme Nichols, este tipo de documentário questiona nosso conhecimento de mundo enquanto se apoia em experiências pessoais dos atores sociais. Além disso, ressalta a subjetividade e a questão da sensibilidade. “Experiência e memória, envolvimento emocional, questões de valor e crença, compromisso e princípio, tudo isso faz parte de nossa compreensão de aspectos do mundo que mais são explorados pelo documentário[...]” (Nichols, 2005, p.169). Nos documentários performáticos nota-se a presença do estilo auto-biográfico que se assemelha com o modo participativo assim como a pouca preocupação com a retórica que cede lugar à sensibilidade no processo de produção.

“A característica referencial do documentário, que atesta sua função de janela aberta para o mundo, dá lugar a uma característica expressiva, que afirma a perspectiva extremamente situada, concreta e nitidamente pessoal de sujeitos específicos, incluindo o cineasta” (NICHOLS, 2005, p.170)

O empenho em trazer à tona a sensibilidade do público é mais um dos principais aspectos desse tipo. Isto se dá pela expressão dos atores sociais no filme que representam muitas vezes não apenas a si próprios, mas também uma crença coletiva. “[...]Pelo mundo representado nos documentários performáticos, espalham-se tons evocativos e nuances expressivas, que constantemente nos lembram que o mundo é mais do que a soma das evidências visíveis que deduzimos dele” (Nichols, 2005, p. 173). Ainda que não possibilite

construir uma narrativa tão objetiva, o modo performático viabiliza uma nova perspectiva acerca da realidade e novas releituras sobre ela.

### 3.2 Religião no cinema e aspectos técnicos

A religião se tornou um tema frequentemente abordado nas produções cinematográficas brasileiras a partir da década de 1960, graças ao Cinema Novo. Diversas produções retrataram as crenças baseadas em um sincretismo religioso e, sob uma ótica marxista, como esta funciona como mecanismo de alienação do povo e o distrai dos aspectos políticos. As representações religiosas no cinema documental dessa época evidenciam o confronto social entre crença e intelecto.

Eduardo Coutinho, em seu filme *Santo Forte* (1999), ao construir uma narrativa baseada na pluralidade religiosa dos moradores de uma comunidade carente no Rio de Janeiro, se desfaz de seus julgamentos e busca entender a prática religiosa a partir de uma observação quase antropológica. Ao manter-se atento à fala do personagem e livre de julgamentos o cineasta reúne relatos de pessoas comuns sobre sua religião particular, suas crenças e visões de mundo. O foco não são os ritos religiosos, mas a relação entre o ator social e o sagrado para ele.

Coutinho produz um filme cuja base é o verbo, o testemunho do personagem ao adentrar a realidade dessas pessoas. De acordo com Consuelo Lins “A vida do dia-a-dia está impregnada de religião, e com esse eixo central, achou que poderia chegar ao que queria: o cotidiano das pessoas” (LINS, 2004, p. 100). Em se tratando de narrativa e estética, buscou-se uma aproximação com esta obra para captar as imagens deste filme em questão. Na obra de Coutinho, não há muitas alterações no enquadramento (entre plano médio e primeiro plano com uso de zoom), a fala dos personagens é o ponto principal. Além disso, em *Santo Forte* é recorrente o uso de espaços vazios e sem movimentos da câmera para aprofundar a percepção do espectador sobre o que foi dito. Da mesma forma, em *Longinos*, reforça a ideia de proximidade ao apresentar seus personagens em primeiro plano, mas com a câmera em mãos e dispensando o uso do tripé em toda a produção e olhando diretamente para a câmera a

fim de criar maior aproximação entre os atores sociais e o público. Além disso, usa-se de imagens de paisagens, tela preta e momentos de silêncio para evocar reflexão e manter sob uma atmosfera subjetiva o tom emocional de cada um dos atores sociais.

Durante as filmagens de Longinos, houve o mínimo de interferência durante as entrevistas. Apenas recorria ao roteiro de perguntas caso as respostas não se aprofundassem em outros assuntos. Na maior parte delas, a próxima pergunta se originava de alguma lacuna deixada pela resposta anterior. De maneira similar Coutinho também fazia breves interferências durante as entrevistas. Ademais o ritmo e o modo de se fazer as entrevistas se assemelham. Em ambas as obras não houve contato prévio entre o interlocutor/cineasta e o personagem para se garantir a melhor versão do relato.

“Coutinho só entra em contato com os entrevistados no momento da filmagem, com a equipe técnica completa e isso para ele é fundamental. O frescor do primeiro encontro é que garante pelo menos a possibilidade de ouvir uma boa história. Além disso, o entrevistado deve partir do princípio de que é a primeira vez que Coutinho está escutando o que ele diz” (Lins, 2004, p.103)

## 4. Diário de Bordo

### 4.1 Por que documentário e por que um documentário sobre fé?

A ideia para este trabalho surgiu enquanto fazia o trajeto de casa para a faculdade. Na época estava terminando de cursar a disciplina de Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação e também Telejornalismo que havia sido uma de minhas matérias favoritas durante o curso. Deveria propor um projeto de pesquisa que viria a ser meu Projeto Experimental. Estava indecisa quanto ao tema, pois procurava algo que me inspirasse e desafiasse. Durante o trajeto de van, um trecho de um livro que estava lendo me saltou aos olhos. Estava escrito “*he aha te mea nui? He tangata, He tangata, He tangata*. A inscrição em Maori, língua dos indígenas nativos na Nova Zelândia, que significa “Qual é a coisa mais importante do mundo? As pessoas, as pessoas, as pessoas” me guiaram em direção ao tema do qual aqui tratamos.

O que mais me atraiu no jornalismo é a possibilidade de contar histórias reais de pessoas reais. Logo soube que meu trabalho deveria ter o mesmo foco. Decidi por abordar a natureza da fé humana, tanto por ser um assunto pouco discutido dentro da academia, quanto pela minha proximidade com ele tanto pessoal quanto regional já que em Mariana, MG, a tradição Católica ainda é muito presente. E nenhum outro formato permitiria tanta dinamicidade quanto o audiovisual.

### 4.2 Filmagem

Este trabalho teve início em Maio de 2016 e diferente do esperado, *Longinos*, não possuiu pré-produção nem roteiro. O termo projeto experimental foi levado à letra em todas as etapas deste filme. Foi decidido que realizaria as filmagens apenas com a câmera na mão, de frente para o entrevistado e pediria para que este olhasse diretamente para a câmera. Tais

medidas foram tomadas para criar maior proximidade com o entrevistado e o público e também com os participantes dos eventos.

Inicialmente tinha o intuito de usar o acampamento PHN (Por Hoje Não) como pano de fundo para contar as experiências que os participantes viviam nos dias de retiro. Imaginava que apenas uma ida a campo seria o bastante para conseguir todas as imagens necessárias. Fui até Cachoeira Paulista (SP) para realizar as primeiras filmagens durante o acampamento PHN (Por Hoje Não) que acontece na Comunidade Católica Canção Nova. Decidi que seria nesse evento que realizaria as filmagens, pois já conhecia o mesmo e sabia que seria possível encontrar todas as manifestações de fé que procurava. Junto ao meu orientador, elaborei uma lista de momentos que aconteceriam e poderia ser interessante filmá-los.

	Sexta	Sábado	Domingo
Adoração	x		
Missa		x	
Santo Terço	x		
Luau		x	
Momentos de oração	x	x	
Oração final/encerramento			x

Antes de me deslocar até Cachoeira Paulista algumas medidas foram tomadas. Entrei em contato com a assessoria de imprensa da Canção Nova a fim de obter permissão para filmar durante o evento acesso aos palestrantes e ao palco (só era permitido por poucos minutos). Além disso, considerei a logística da viagem e constatei que precisaria de ajuda financeira para custear transporte, hospedagem e alimentação. Como não estava trabalhando e não havia como minha família me auxiliar, busquei apoiadores culturais para meu filme. Esta ajuda não veio por parte de nenhuma empresa, mas de pessoas desconhecidas e amigos próximos que queriam contribuir para o projeto. O valor arrecadado foi o bastante para custear as duas vezes que fui a campo.

Contado com uma filmadora portátil Sony, um microfone Shotgun com mal contato (responsável por um ruído em todos os vídeos nos quais o utilizei), duas baterias que descarregavam a cada 40 minutos de filmagem e uma lista com algumas perguntas e momentos que pretendia filmar, me encaminhei para meu primeiro dia em campo que começou e um momento de adoração ao Santíssimo em um dos ambientes da Canção Nova. Lá fiz algumas imagens dos fiéis imersos no momento de oração.

Uma das primeiras dificuldades na execução foi conseguir orquestrar todos as etapas sozinha. Mesmo usando o mínimo de instrumentos de trabalho, percebi que fazer um documentário sem nenhum tipo de ajuda é algo praticamente impossível. Há muitos aspectos a se considerar durante a realização para que apenas uma pessoa possa administrar todos eles sozinha.

A ideia inicial era acompanhar algumas destas pessoas ao longo do evento, filmá-las durante os momentos de oração, a fim de criar uma familiarização com o personagem e sua história, e entrevistá-las questionando-as sobre a experiência que haviam vivido ali naquele momento. Tal ideia se mostrou inviável já que haviam mais de 60 mil pessoas na chácara de 372 mil m<sup>2</sup>, onde se localiza a Comunidade Canção Nova. Além de que nem sempre as entrevistas correspondiam ao esperado. Por muitas vezes, o entrevistado não respondia com profundidade ao que lhe era perguntado. Ainda que eu, como cineasta, o instigasse a responder mais do que “sim” ou “não” e “não sei”.

Percebi durante o processo que filmar o real em um contexto religioso, com pessoas em estado de introspecção, se torna um problema pois a qualquer instante aquele que está sendo observado pode perder a concentração, abrir os olhos e te encarar como se a câmera fosse uma intrusa. Além disso, comecei a compreender que queria mostrar não apenas uma experiência baseada principalmente na emoção, mas relatos de uma espiritualidade alicerçada na busca de uma maturidade espiritual. Esta, aqui é compreendida como uma busca que se inicia a partir do momento que o indivíduo tem sua primeira experiência e decide por seguir aquela religião se tornando parte da mesma.

Tal objetivo foi alcançado nas entrevistas feitas com algumas pessoas que estão que estão inseridas no meio há mais tempo como os personagens Adriano Gonçalves, Déa e Tiba Camargos, ainda que estas últimas tenham sido bem curtas devido à falta de tempo. Devido à



minha inexperiência houve momentos em que não soube dar sequência às entrevistas. Faltavam ideias para novas perguntas ou me sentia intimidada pelo entrevistado. Por estes e outros motivos, algumas entrevistas foram deixadas de lado. De qualquer forma elas contribuíram para meu aprendizado e para encontrar outras possíveis fontes.

A fotografia e sonografia é um aspecto frágil nas entrevistas desta produção pois não haviam muitos lugares silenciosos e sem trânsito de pessoas para filmar durante esses retiros. Sempre haviam muitas pessoas falando por perto e por isto a qualidade de algumas filmagens foram comprometidas e outros foram perdidos por completo.

O pior contratempo aconteceu na sexta feira, primeiro dia de PHN, quando muito tarde da noite dei por falta do cabo de energia necessário para carregar as baterias. Procurei por todo local, na pousada onde estava hospedada, contei com a ajuda de outras pessoas para procurar, mas não encontrei. Só consegui carregar a câmera no domingo pela manhã, último dia do acampamento e também o mais cheio quando encontrei o cabo de energia. Este parecia ter “se escondido” atrás de uma mesa da sala destinada à imprensa, localizada atrás do palco na Canção Nova. Foi impossível fazer entrevistas devido à lotação e falta de tempo, pois retornei para Minas no fim daquele dia.

Nos semestres seguintes, em decorrência do número de cadeiras que estava cursando, o documentário ficou arquivado, sendo retomado apenas em junho de 2017. Ao analisar todo material que recolhi durante os três dias no retiro, percebemos que seria necessário retornar à campo. Então, o documentário não seria mais sobre o PHN, mas sobre manifestações de fé dentro de um contexto de manifestação religiosa católica ligado à Renovação Carismática Católica. Decidi que dessa vez tentaria em um ambiente onde houvesse menor fluxo de participantes. Soube por meio de uma amiga de um retiro, promovido por um grupo de oração chamado Jovens Sarados, que aconteceria em Belo Horizonte em um fim de semana próximo e fui até lá.

Neste dia, fiz algumas entrevistas com alguns dos participantes e outras pessoas que já eram praticantes do Catolicismo e de movimentos da RCC (Renovação Carismática Católica) há mais tempo. Destas utilizei trechos dos relatos da personagem Nathália e Cris. Mais uma vez pude perceber que as entrevistas realizadas com as pessoas praticantes há mais tempo o conteúdo das respostas eram mais aprofundados. Possivelmente porque eram frutos

de reflexões anteriores. Tais pensamentos se repetiram enquanto entrevistava a Cris Couto e a Nathália Mirtes.

Mais uma vez o trabalho foi parado pois já estava no limite de horas curricular semanais cursadas e só foi retomado em junho de 2018. Aproveitei de uma viagem à Ponta Grossa (PR) para realizar mais algumas filmagens. Utilizei uma câmera Nikon D3200 empresta de uma amiga para filmar algumas das paisagens que encontrei por lá. Todas os recortes com cenas da natureza foram feitas em uma propriedade privada no município. Com a exceção da imagem da cachoeira realizada na Floresta Estadual Uaimii (MG) e da filmagem do mar feita em uma praia no Rio de Janeiro (RJ), ambas de acervo pessoal feitas com a câmera do meu smartphone.

### **4.3 Edição e Montagem**

Não ter um roteiro prévio me permitiu ter total liberdade sobre as entrevistas, quem entrevistar, onde e quando. Porém, foi um ponto que fez falta durante a montagem do documentário. Como montar uma história compreensível a partir de fragmentos de entrevistas que não tinham muitos aspectos em comum? Foram muitas tentativas até chegar ao trabalho final. Por meses não consegui dar sequência ao trabalho por falta de ideias. O bloqueio criativo custou meses de produção e reflexão sobre a qualidade do meu trabalho. Ao fim do processo de captação de imagens reuni mais de 380 minutos de filmagem, porém ainda não tinha encontrado o eixo para conduzir a história. Os quais reduzi até ter uma sequência de 15' 39" minutos minutos que resultaram no filme em questão.

A construção do roteiro se deu durante o processo de edição e montagem. Após uma longa reflexão, vi que era necessário um fio condutor. O relato de Nathália foi um dos que mais me cativou pela emoção e riqueza de detalhes como se estivesse revivendo o momento. A divisão de seu relato em três partes possibilita entrelaçar as demais narrativas e criar um contexto coerente. A união dos depoimentos não se dá por subtemas, mas pelo maior fator em comum que são suas experiências mais fortes com Deus e como isso teve relevância em suas vidas até aquele momento.

As imagens feitas durante os retiros, as quais pretendia usar como cobertura de off ou sobe som, acabaram sendo deixadas de lado por não dialogarem mais com a proposta do filme que estava tomando forma. Decidir usar recortes de paisagens e natureza para ressaltar sentimentos ou emoções foi uma estratégia com o intuito de trazer subjetividade ao que o personagem expressa. Além disso, cenas como a luz do sol filtrada pelos galhos de árvores e da tomada onde se vê a chuva a partir do ponto de vista de alguém abrigado da mesma, por exemplo, remetem à ideia de lugar secreto citada na bíblia. “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”<sup>2</sup> Aqui o “secreto” não é um termo para um espaço físico, mas um estado de oração e intimidade com Deus.

Todas as músicas usadas foram compostas por amigos durante a viagem que fiz a Ponta Grossa (PR). Considerei que seria apropriado melodias instrumentais para compor a atmosfera do filme que ainda estava sem forma. Ainda que durante boa parte do tempo tivesse dúvidas sobre qual caminho, tinha ciência de que sons de violão e violino trariam a suavidade que esperava para o produto. Tais arranjos contribuíram para criar a atmosfera sinestésica que dão o tom esperado em cada cena.

#### **4.4 Escolha do nome e decisões finais**

Ainda não havia feitos as últimas modificações no filme quando decidi o nome. Não estava pensando sobre isto, mas a ideia chegou sem aviso e tomou meus pensamentos com a certeza de que seria o mais adequado. São Longuinho, como é conhecido no Brasil, antes de se tornar um Santo mártir da Igreja Católica Apostólica Romana, chamava-se Cássio Longinos. Ele foi o soldado do exército romano que perfurou o lado de Jesus Cristo com uma lança. O Evangelho de São João relata o momento em que os soldados romanos iam quebrar as pernas dos homens que haviam sido crucificados, mas quando chegaram a Jesus “como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água” (Jo 19,33-34).

---

<sup>2</sup> A Bíblia (Mateus 6,6)

Tendo acreditado na filiação celeste de Jesus e em sua ressurreição, Longinos, foi batizado pelos apóstolos de Jesus e abandonou o exército romano. Partiu para sua terra natal, Capadócia, onde se tornou um monge e saiu pregando o Evangelho. Quando os judeus souberam que o Cristianismo estava se espalhando pela cidade e aldeias vizinhas, os anciãos judeus convenceram Pilatos a caçar os seguidores de Jesus. Longinos foi encontrado e levado até Pilatos, que ordenou sua morte. Teve os olhos e dentes arrancados, a língua cortada e depois foi decapitado. Quase mil anos depois, em 999 d.c, foi canonizado pelo Papa Silvestre II.

Longinos foi um exemplo de conversão pela fé. Acredita-se pela Tradição Católica que no momento em que jorraram sangue e água do lado de Jesus, o centurião foi curado de uma doença ocular e também de uma cegueira espiritual. Longinos foi o primeiro a declarar que Jesus era realmente filho de Deus<sup>3</sup>. Penso que as histórias de fé deste documentário tem muito em comum com a do santo mártir, sobretudo pela confiança em Deus e na busca por um sentido de vida diferente a partir de uma mudança de perspectiva.

O uso de recortes da imagem do santo nos créditos finais remete não apenas ao significado do nome do documentário, mas também a ideia de visão limitada de um todo que se tem ao dar passos na fé. Não se vê o caminho por completo, mas assim como afirmou a personagem Déa Camargos na introdução do filme, “mesmo assim, você vai”.

---

<sup>3</sup> A Bíblia (Mateus 27,54)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Custou muito tempo até que me sentisse à vontade por detrás da câmera. Não se tratava apenas de timidez ou insegurança para lidar com os momentos de silêncio quando a criatividade faltava durante as entrevistas. Mas, sobretudo, de encontrar meu lugar na produção. Por diversas vezes me questioneei qual era meu papel neste filme. Não fui apenas a pessoa que executou todas as funções, mas, por detrás da câmera, eu era mais uma que compartilhava daquela crença. Tal identificação foi determinante na minha postura de cineasta. Em momento nenhum tentei negar esta aproximação, pois é parte do meu olhar sobre o projeto.

Minha identificação com o tema contribuiu para o desenvolvimento do trabalho, especialmente do capítulo conceito. Além disso, a insegurança que sentia foi amenizada por estar familiarizada com esses ambientes.

Para além dos aspectos técnicos e conceituais de se produzir um documentário, assumo ter sido uma empreitada ambiciosa demais mediante minhas limitações. Um projeto como este demanda uma equipe maior, mais planejamento e mais tempo para amadurecer as ideias quanto ao enredo. Todavia, este trabalho me proporcionou aumentar meus conhecimentos técnicos e teóricos sobre a arte de documentar, sobre filmagem e edição, bem como sobre a espiritualidade vista por uma ótica científica. Por fim, produzir um filme de temática tão intrínseca à existência humana me possibilitou refletir sobre a responsabilidade do jornalista de tocar as histórias das pessoas.

## REFERÊNCIAS

ALLETI, Mario. **A representação de Deus como objeto transicional ilusório. Perspectivas e problemas de um novo modelo.** In: PAIVA, G. J; ZANGARI, W. (Org). In A representação na religião: perspectivas psicológicas. São Paulo:Edições Loyola, 2004.

ANCONA-LOPEZ, Marília. **A espiritualidade e os psicólogos.** In: AMATUZZI, M. M. (Org.) Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2005.

AQUINO, Santo Tomás. **Summa Theologica** (1495). Disponível em: <<http://www.newadvent.org/summa/index.html>>. Acesso em:

CAMPBELL, Joseph. **Isto é tu: Redimensionando a metáfora religiosa.** Landy Editora: São Paulo, 2002.

COELHO Junior, A. G., & Mahfoud, M. (2001). **The Spiritual and Religious Dimensions of Human Experience: Distinctions and Relations on Viktor Frank's Work.** Psicologia USP, 12 (2),95-103. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200006)>. Acesso em:

FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus.** São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor. **A questão do sentido em psicoterapia.** Campinas. São Paulo: Papirus, 1990

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicologia existencial e espiritualidade** IN: AMATUZZI (org) Psicologia e Espiritualidade. Paulus: São Paulo, 2005

GIUSSANI, Luigi. **O senso religioso**. Brasília: Universa. (2009)

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

LINS, Consuelo. **O cinema de Eduardo Coutinho: Televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Lisboa, 1992.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da pré produção à pós produção**. Campinas: Papyrus, 2009.

#### **Referências Fílmicas:**

FORTE, Santo. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 1999. 80 min. Son, Color.

## ANEXO I

## ROTEIRO DE EDIÇÃO

**Roteiro: Lorena Lima**

**Filme: Longinos**

VÍDEO	ÁUDIO
<p>fade in black com uma frase que aparece e aos poucos e vai desaparecendo da tela aos poucos</p> <p>imagem Déa/ primeiro plano</p> <p>nome do filme</p> <p>imagem Nathália/ primeiro plano</p>	<p>ACREDITAR NAQUILO QUE NÃO SE VÊ/ DAR ESSE PASSO NO ESCURO/MESMO ASSIM VOCÊ VAI</p> <p>MÚSICA INSTRUMENTAL</p> <p>MINHA MÃE ESTAVA PASSANDO MAL/ LEVAMOS ELA NO MÉDICO PENSANDO QUE ERA UMA GRIPE FORTE/ SÓ QUE ERA ALI QUE DEUS ESTAVA ME PROVANDO MAIS DE UMA HORA PRA OUTRA OS MÉDICOS COMEÇARAM A CORRER COM ELA/ ACABEI DE PERDER MINHA AVÓ/ QUER LEVAR MINHA MÃE TAMBÉM?/ ME MATA DE UMA VEZ VAI SER MAIS</p>



	<p>FÁCIL/ALI EU FIZ MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COM DEUS PORQUE EU OUVI UMA VOZ NÃO SEI DE ONDE QUE DISSE ASSIM/ VOCÊ TEM FÉ?/ ENTÃO CONFIA</p>
tela preta	SILÊNCIO
Déa	<p>O PRIMEIRO FILHO A GENTE PERDEU/ DEPOIS TIVEMOS O BENTO E O MATIAS/ ENGRAVIDAMOS ESSE ANO/MAS A GENTE PERDEU/ TANTA MENINA POR AÍ QUE ENGRAVIDA E USA CRACK E TEM O NENÉM/ A GENTE AQUI QUE SE CUIDA/ QUE REZA O DIA INTEIRO/ REZA POR AQUELA GESTAÇÃO E PERDE O NENÉM/ COMO QUE EXPLICA ISSO?/ NESSAS HORAS A GENTE TEM QUE TÁ MUITO FIRME EM DEUS PRA NÃO MURMURAR/NÃO BRIGAR COM DEUS /OU ATÉ MESMO NÃO DESISTIR DA VIDA EM DEUS/ É UMA PROVA DE FÉ CONFIAR QUE É A VONTADE DE DEUS/NÃO É FÁCIL/A GENTE CHORA/ A GENTE SOFRE/ MAS EU CONFIO QUE TUDO ISSO É A BONDADE DE DEUS É SEMPRE A MELHOR</p>
imagem do rio/ plano aberto	BG+ SOM AMBIENTE
Nathália/ primeiro plano	<p>MINHA MÃE PASSOU OITO DIAS DESACORDADA/ NÃO TINHA MELHORA NENHUMA/ OS MÉDICOS NÃO SABIAM O QUE ERA/ ESTAVAM DANDO O ANTIBIÓTICO NA ESPERANÇA QUE FIZESSE RESULTADO/ MAS NÃO TINHAM UM DIAGNÓSTICO/ FORAM OITO DIAS DE DOR</p> <p>MÚSICA SUAVE DE VIOLÃO AO FUNDO</p>
imagem da chuva/ plano aberto	BG+ SOM AMBIENTE

<p>Adriano/ primeiro plano</p>	<p>FUI PRA UMA FESTA DE ROCK/BEBI TODAS/CHEGUEI EM CASA CARREGADO /QUANDO MINHA MÃE ME ACOLHE ELA FALA POR QUE VOCÊ TÁ FAZENDO ISSO COMIGO?/ FUI PRO MEU QUARTO E AQUELE POR QUE VOCÊ TÁ FAZENDO ISSO COMIGO FICOU BATENDO NO MEU OUVIDO/ QUANDO ACORDEI UMAS DUAS DA TARDE FUI PRA COZINHA E MINHA MÃE TINHA FEITO A COMIDA QUE MAIS GOSTO/PRA UM BOM MINEIRO/ FRANGO COM QUIABO E ANGÚ/ QUANDO EU OLHEI PRA AQUELE PRATO DE COMIDA EU PERCEBI ASSIM/ MEU DEUS/ O QUE EU ESTOU FAZENDO DA MINHA VIDA?/ EU TINHA TUDO PRA SER CONDENADO/MAS A MINHA MÃE ME RECEBE COM UM BANQUETE/ PORQUE PRA MIM/ ISSO É UM BANQUETE/EU OLHEI PRA AQUELA COMIDA NO FOGÃO E ENTENDI O QUE É O AMOR DE DEUS. O AMOR DE DEUS É</p>
<p>cross dissolve/ plano aberto/ bosque com pássaros voando no fundo</p>	<p>ESSA INAUGURAÇÃO DE UMA POSSIBILIDADE/QUANDO VOCÊ TEM TUDO PRA SER CONDENADO/DEUS VEM E DIZ/MESMO ASSIM VOCÊ CONTINUA TENDO DIGNIDADE DE FILHO E MERECE UM BANQUETE/</p>
<p>volta Adriano/ primeiro plano</p>	<p>DIANTE DAQUELE FRANGO COM QUIABO/ NAQUELE FOGÃO/ EU DISSE/ EU VOU MUDAR DE VIDA</p>
<p>volta plano do bosque</p>	<p>BG+SOM AMBIENTE</p>
<p>Nathália/ primeiro plano</p>	<p>EU VI UMA IMAGEM MUITO REAL/ MINHA MÃE NO LEITO/ JESUS DE UM LADO E NOSSA SENHORA DO OUTRO/ NOSSA TÔ REZANDO TANTO QUE TÔ VENDO COISA/ CONTINUEI REZANDO E VI DE NOVO/ DISSE ASSIM/ AGORA</p>

<p>mesmo plano anterior</p> <p>cross dissolve/ aparece imagem em plano aberto contra plongé de uma cachoeira</p> <p>Adriano</p>	<p>VOU TOMAR POSSE PELA FÉ/ NO OUTRO DIA DE MANHÃ/ MEU TIO FOI VISITAR ELA NO HOSPITAL/QUANDO TERMINOU A VISITA ELE FOI LÁ PRA CASA/CHEGOU BUZINANDO/AH PRONTO/ MINHA MÃE MORREU/ MEU TIO CHEGOU DIZENDO QUE MINHA MÃE TINHA ACORDADO/</p> <p>SOBE SOM</p> <p>MESMO NA MINHA INFIDELIDADE/DURANTE TODA A MINHA VIDA/ DEUS VEIO EM MEU SOCORRO E ME PROVOU QUE ELE É MESMO O DEUS DO IMPOSSÍVEL</p> <p>BG+SOM AMBIENTE</p> <p>ESTOU ESPERANDO A MINHA PRIMEIRA FILHA E COM ELA EU ENTENDO COMO É A PEDAGOGIA DE DEUS/ EU OLHO PRA BARRIGA/ EU NÃO TENHO CONTROLE NENHUM/ E COM ELA EU JÁ VEJO COMO É A PEDAGOGIA DE DEUS /EU SOU O PAI DELA/ MAS NÃO TENHO CONTROLE/ NÃO ADIANTA QUERER QUE NASÇA NO DIA 16/ DE PARTO NORMAL/ E AGORA EU JÁ POSSO ENTENDER QUE É ASSIM QUE É ASSIM QUE DEUS ME TRATA/ ELE ME PERMITE SER EU MESMO/ NA GESTAÇÃO DA MINHA ESPOSA EU VIVO A TRANSFORMAÇÃO TAMBÉM PELA FÉ/E MUITAS VEZES NA MINHA ANSIEDADE, NA MINHA ANGÚSTIA/ EU OLHO PRA BARRIGA E DIGO/MINHA FILHA VOCÊ TEM O SEU TEMPO/ E EU NÃO POSSO CAIR NA LOUCURA DE TENTAR TE CONTROLAR PORQUE SOBRE VOCÊ EU NÃO TENHO CONTROLE NENHUM/</p>
---	---

<p>imagem pôr do sol feita da janela do ônibus em movimento</p>	<p>É UMA PREPOTÊNCIA DA MINHA PARTE/NÃO É FÁCIL PRA MIM/ MAS HOJE EU VEJO QUE TAMBÉM NÃO É FÁCIL PRA DEUS VER CERTAS ESCOLHAS QUE FAÇO E MUITAS VEZES NÃO SÃO AS ESCOLHAS QUE ELE QUERIA QUE EU FIZESSE/ MAS ELE ME RESPEITA</p> <p>SOM AMBIENTE</p>
<p>imagem Cris/ primeiro plano</p>	<p>(COMEÇA MÚSICA DE FUNDO)  EU VIA QUE MINHA VIDA NÃO TINHA SENTIDO/ EU TINHA TUDO/ JÁ MOREI NO HAVAÍ/JÁ SURFEI NO HAVAÍ/JÁ MOREI NA NEVE/ PODIA FICAR COM OS HOMENS QUE EU QUERIA/TUDO QUE EU PODIA USUFRUIR PORQUE EU ERA UMA PESSOA LIVRE EXPERIMENTAR DISSO TUDO/ MAS QUANDO EU CHEGAVA EM CASA À NOITE/ EU TINHA UNS DIÁRIOS QUE EU ESCREVA TODOS OS MEUS SONHOS/ SABE AQUELES SONHOS MAIS SECRETOS? /MAIS IMPENETRÁVEIS/ ESSES SONHOS EU NÃO CONSEGUIA REALIZAR/ EU ACHAVA AQUILO MUITO ESTRANHO/ EU TINHA TUDO/ MAS NÃO TINHA NADA</p> <p>SILÊNCIO</p>
<p>imagem de um cacho de flor quase vazio</p> <p>volta plano aberto/Cris</p>	<p>O SENHOR SEMPRE TEM UM DIA, UMA HORA PRA NOS ENCONTRAR/TUDO CERTINHO/ E ELE TINHA UMA HORA PRA ENCONTRAR UMA JOVEM QUE JÁ TINHA SIDO TÃO FERIDA/ TÃO MACHUCADA/ CHEGUEI DO GRUPO DE ORAÇÃO E FUI PREPARAR ALGO PRA COMER/</p>

<p>imagem árvore florida</p> <p>imagem primeiro plano Tiba</p> <p>imagem plano aberto da luz do sol filtrada pelas folhas de um pinheiro</p> <p>imagem plano aberto do mar</p>	<p>QUANDO ERA DEZ HORAS DA NOITE  UMA COISA QUE NUNCA TINHA  ACONTECIDO COMIGO COMEÇOU A  ACONTECER/ EU COMECEI A RIR E A  CHORAR AO MESMO TEMPO/ E  COMECEI A FALAR JESUS JESUS  JESUS/ ALI EU PUDE EXPERIMENTAR  DE UM AMOR QUE EU NUNCA  EXPERIMENTEI NOS BRAÇOS DE  ALGUM HOMEM, EM FESTAS,  BALADAS, ALI EU ME ENCONTREI  COM O AMOR DE CRISTO/ ALI EU FUI  AMADA COMO EU ERA PORQUE ELE  ME CONHECE SEM AS MINHAS  MÁSCARAS</p> <p>MÚSICA INSTRUMENTAL</p> <p>EU TIVE UMA EXPERIÊNCIA COM  DEUS MUITO POSITIVA/ E MINHA  VISÃO DE DEUS ACOMPANHA MINHA  EXPERIÊNCIA/ FUI ENCONTRADO  POR DEUS NO ERRO/ EM NENHUM  MOMENTO EU SENTI ELE ME  ACUSANDO/ CONFORME FUI TENDO  CONTATO COM A PRÓPRIA PALAVRA  FUI VENDO QUE ELE NÃO É UM DEUS  CARRASCO/MAS UM DEUS QUE NOS  ALCANÇA PORQUE NOS AMA E  SENTE SAUDADE DE NÓS/ FOI ISSO  QUE ME FAZ PERMANESCER NA  IGREJA/ PORQUE ENCONTREI NESSE  AMBIENTE DE FÉ UM LUGAR PRA SE  VIVER EM PAZ/ NÃO UMA PAZ  EGOÍSTA/AH VOU VIVER AQUI  PORQUE AQUI EU TENHO PAZ/ MAS  SABE QUANDO VOCÊ PARECE QUE  ENCONTRA SEU LUGAR?/ PARECE  QUE FOI PRA ISSO QUE FUI CRIADO/  PRA ISSO QUE EXISTO/ ENTÃO  COMEÇA A FAZER SENTIDO TUDO</p> <p>SOM AMBIENTE+BG</p>
--	---

<p>imagem Adriano</p>	<p>ESSA TRANSFORMAÇÃO PELA FÉ NÃO É ALGO ESTÁTICO/É ALGO DINÂMICO/ NÃO ME SINTO CONVERTIDO/ SEMPRE EM CONVERSÃO E ISSO MUDA MUITA COISA/ PORQUE EU CONSIGO OLHAR PRO OUTRO E NÃO MEDIR CONVERTIDO E NÃO CONVERTIDO/ MAS PENSAR QUAL O PROCESSO DE CONVERSÃO QUE O OUTRO ESTÁ VIVENDO?/TALVEZ TEM MUITAS PESSOAS QUE ESTÃO EM OUTRO LUGARES/ TALVEZ EM OUTRAS RELIGIÕES/MAS EM PROCESSOS LINDOS DE CONVERSÃO/ E NO FINAL DE TUDO COMO DIZ SÃO JOÃO DA CRUZ/ NO ECLIPSA DA VIDA SEREMOS JULGADOS PELO AMOR/E AÍ TANTO EU QUANTO ELA QUE TALVEZ TÁ EM OUTRA/ JUNTOS IREMOS PARA A GLÓRIA DE DEUS/ ISSO É FANTÁSTICO/ ISSO É FANTÁSTICO</p>
<p>imagem plano aberto/ sol se pondo no horizonte</p> <p>Nathália</p>	<p>SOBE BG</p> <p>NÃO TENHA MEDO/ SE LANÇAR/MAS SE LANÇA SEM RECEIO/A CHANCE DELE TE DECEPCIONAR É ZERO/ O QUE ELE VAI FAZER É TE IMPRESSIONAR/É SUPERAR SUAS EXPECTATIVAS/ É IR ALÉM/ ESSA É A EXPERIÊNCIA COM DEUS/ É IR ALÉM/ VOCÊ COLOCA O PÉ E DEUS TE MOSTRA UMA ESTRADA LINDA/PORQUE NÓS SOMOS LIMITADOS/ NÓS VEMOS SÓ ATÉ O MONTE/ AH TEM UM MONTE ALI/ MAS JESUS TE PEGA PELA MÃO E FALA/ OLHA ATRÁS DO MONTE/ OLHA O QUE TEM LÁ ATRÁS</p> <p>VOLUME DO BG SOBE AOS POUÇOS</p>

fade in tela branca créditos finais com recortes da imagem de São Longino	
---	--

Certifico que a aluna Lorena Lima Cristiniano, autora do trabalho de conclusão de curso intitulado "LONGINOS - um documentário sobre as transformações de vida através de experiências de fé" procurou refletir sobre as diversas questões apontadas pelos membros de sua banca final e buscou efetuar algumas das principais correções sugeridas pela mesma banca à sua pesquisa/produto, dentro do recorte temporal possível para a atividade.

*Adriano Medeiros da Rocha*

Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha  
Orientador

Mariana, 11 de fevereiro de 2019.